

TRIBUNA Livre

2
ABRIL
1960

SEMANARIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOZA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - AMARES

Celebrações Henriquinas

Do Finisterra ao Sacro Promontório

Dos primitivos freires Templários aos cavaleiros de Cristo, que sob o magistério e por ordem do ínclito Infante Navegador começaram a correr os mares «nunca dantes navegados», ainda é grande a longitudo no sofrimento e na história de muitos acontecimentos.

No vastíssimo anfiteatro da velha Celtibéria os povos seus naturais com os adventícios, continuam a baralhar-se, a cruzar-se violentamente, a casar-se numa amálgama de pó e sangue que rega a terra. Não há uma saída por onde possa respolegar o sopro constante da guerra pela posse da terra. O mar é a imensa barreira intransponível.

Da longa e cruentíssima gestação, assim concebida, só quando a terra peninsular de todo esteve pejada, e na maturidade dos tempos os astros o anunciaram a D. Henrique, que debruçado sobre o mar de Sagres os consultava e meditava, é que das praias de Belém e do Restelo, pela larga

Onze anos ao serviço da cidade de Braga

Completo, no passado dia 26, onze anos na presidência da Câmara Municipal de Braga, o sr. Comendador António Maria Santos da Cunha.

Onze anos de actividade intensa, vivida com inultrapassável dedicação, indesmentível zelo e superior proveito, fizeram desta gestão a mais realizadora de quantas a cidade conheceu através do seu longo historial.

Devoção total aos interesses da cidade que lhe serviu de berço, dinamismo desbordante e continuado, inteligência esclarecida ao serviço do coração, tudo ajudou a realizar uma obra que o tempo não apagará jamais.

Alargaram-se as fronteiras do velho burgo construindo de novo ou modernizando o existente, serviu-se a cultura honrando o nome da cidade, foi-se até onde parecia difícil chegar.

Na passagem de mais este aniversário sobre o empossamento do sr. António Maria Santos da Cunha, nas altas funções de presidente da Câmara Municipal de Braga, queremos testemunhar-lhe o nosso subido apreço e admiração.

B. M.

veia do Tejo, saíram as Naus dos Descobrimentos que deram à luz novos mundos—concepção do génio imorredouro de um Homem que «virgem o comeu a terra» o maior segredo da exaltadas virtudes de uma Cavalaria que nele manifestou a sua maior intensidade ao extinguir-se já dos últimos clarões da heróica idade média.

A paternidade dos novos mundos deve-se ao imortal Infante Navegador!

* * *

Mas os povos peninsulares estavam longe de ter esgotado o cálix da amargura. Na barafunda da entrada dos Bárbaros, alguns deles, porventura os mais irrequietos e selva-

gens—os Vândalos, sob a perseguição de seus próprios irmãos de raça, tiveram de arrojarem-se ao mar que chamavam *Internum* e acolherem-se em terra firme e conhecida, no seio da Mauritània.

Pela orla do antigo *mare oceanum*, desde o *Artabro*, o *Corrúbio*, o *Orábio*, o *Avaro*, o *Lunário*, o *Magno*, e o *Barbário ao Sacro promontórios*, não só estas, com efeito, por mais importantes, mas muitas outras pontas de terra pareciam indicar que outras paragens se encontravam da outra banda do mar, os caminhos das quais o mesmo mar mais escondera e impossibilitara com a submersão, da velha Atlântida, o que é

(Continua na 5.ª página)

A Superstição do Diploma

Continuação do número anter.

dos são imensos os casos de nomeações de qualidade em todos os países, sobretudo nas Américas do Norte e do Sul. (Se há casos clamorosos de fracasso estes são inevitáveis em qualquer profissão e constituem a excepção que justifica a regra...).

Entre nós, bastará citar os exemplos relativamente recentes de três diplomatas de alto mérito que não possuíam qualquer diploma: Melo Barreto e António Ferro, que vieram do jornalismo; Teixeira de Sampaio, ainda hoje memória tutelar do Ministério de que foi Secretário Geral, e que percorreu todos os degraus do funcionalismo desde os mais modestos.

Para mais, o diploma não é garantia de qualidades que são de natureza exclusivamente pessoal. não se adquirem na Universidade nem sequer no Liceu. Decerto, a base cultural, a base científica ou humanística, é importante — insistimos: sobretudo em se tratando de cargos de especialidade. Mas pouco ou nada vale, de facto, para a valorização pública dum nome, para a atribuição de certos lugares, públicos ou não, ou para o prestígio duma obra de criação

individual, o título de «Dr.» ou qualquer outro, por mais legitimamente conquistado que tenha ele sido. Entre nós — um exemplo semelhante ao do desportista brasileiro — houve, ou ainda há, um cavaleiro tauromático licenciado com qualquer curso superior. Pois nos cartazes berrantes das corridas em que tomava, ou toma, parte, anunciava-se sempre,

(Continua na 4.ª página)

Como em Portugal se observa o fenómeno

Quer como sentimento, quer como doutrina ou realidade existente e efectiva, o nacionalismo não é eterno nem efémero. Ao contrário do que muita gente pensa, escreve ou diz—ou escreve e diz sem pensar—o nacionalismo não é de sempre nem é de ontem, não é tão antigo como a civilização greco-latino-cristã a que pertencemos, nem tão moderno como a Revolução Francesa, cuja paternidade é agora moda atribuir-lhe. Antes de ser uma doutrina o nacionalismo foi um facto, foi sobretudo um facto em Portugal, que assinalou com a solução dada à crise de 1383 a primeira grande afirmação mundial do nacionalismo.

O nacionalismo é, do res-

Deixou as funções de comandante da P. S. P. de Braga, o Capitão Euclides de Barros,

que as desempenhou com o maior apurmo e competência

No passado dia 26, por ter sido atingido pelo limite da idade, deixou de desempenhar as funções de comandante da P. S. P. de Braga o sr. Capitão Euclides de Barros, que ali serviu durante seis anos, conquistando de toda a cidade e do Distrito o maior respeito e estima pela maneira dedicada e inteligente como se houve naquele cargo.

Por motivo da sua despedida o sr. Capitão Euclides de Barros foi alvo das maiores manifestações de simpatia e respeito, quer por todo o pessoal da Corporação, que

Governador Civil do Porto

Passou, esta semana, o aniversário da investidura do sr. dr. Elísio Pimenta no alto cargo de Governador Civil do Porto.

Homem público com notáveis qualidades de chefia, lha-no de tratamento, delicado e possuidor de esclarecida inteligência, tem prestigiado no honroso e difícil cargo que exerce o Regime a que se devotou totalmente.

Endereçamos-lhe, com a maior satisfação e não menor respeito, as nossas felicitações e a expressão da nossa maior admiração.

o viu partir com as maiores saudades, quer pelos inúmeros amigos que conquistou em todos os sectores, especialmente entre as entidades oficiais que em todas as circunstâncias encontraram nele um dedicado servidor.

Além dos altos serviços prestados no comando da Polícia de Segurança Pública o sr. Capitão Euclides de Barros deixa uma obra admirável no Albergue Distrital, pois tornou esta instituição á altura das suas atribuições, a ponto de poder albergar grande numero de necessitados, ao mesmo tempo que lhe conseguiu adquirir uma quinta e modernizar as instalações.

A esta obra dedicou o melhor do seu entusiasmo e carinho deixando a ela ligado indelévelmente o seu nome. A cidade soube compreender e por isso lhe tributou carinhosa despedida a que se ligou com o maior en-

Continua da 4.ª página

HORA DE VERÃO

No próximo domingo dia 3 de Abril, os relógios serão adiantados 60 minutos, entrando-se, desta maneira, na chamada hora de verão

Contagem de trânsito nas estradas do País

«Devendo no próximo dia 2-4-60 proceder-se á contagem do trânsito nas estradas nacionais em todo o País, pede-nos a Junta Autónoma de Estradas para avisarmos os usuários da estrada desse facto e solicitar-lhes a maior atenção para os possíveis sinais de afrouxamento que lhes sejam feitos pelo pessoal cantoneiro incumbido desse serviço que, como é fácil de compreender, é de grande importância para o estudo dos problemas que dizem respeito á construção, reconstrução e beneficiação das estradas nacionais».

Continua na 4.ª página

TRIBUNA AGRICOLA

A PRODUÇÃO Do Porco de Engorda

Baseada no aproveitamento das sobras familiares, na utilização dos subprodutos da indústria leiteira e ainda no regimen de pastoreio, conforme são criados no norte e centro do nosso País, nas bacias leiteiras de Aveiro e Porto ou no sul, principalmente na província do Alentejo, a alimentação dos nossos porcos raramente é conduzida em normas modernas, tendentes à produção de animais com percentagem apreciável de carne. Deste modo, criam-se, em geral, animais que produzem quantidades exageradas de gordura, umas vezes; com crescimento lento e produção muito baixa, outras vezes, mas quase sempre fornecendo produtos de qualidade média ou mesmo má.

Precisamente é preocupação actual que, na engorda de suínos, se procure conseguir o porco produtor de carne, em vez do excessivamente gordo.

As características dos animais destinados a esse fim, algumas próprias de determinadas raças, conseguem-se por meio de selecção ou cruzamentos, a partir de uma qualquer raça e, ainda, pela adopção de métodos adequados de alimentação.

Os porcos destinados à produção de carne devem ser compridos, magros e musculados, o que permite uma maior proporção de lombo, maior parte de carne magra e pouca gordura e banha. O porco «tipo carne», com peso oscilando entre 90 e 110 kgs. e gordura dorsal não superior a 4,32 cm., nem inferior a 3,1 cm., deve ter o comprimento (desde a linha de união da base das orelhas ao ponto de inserção da cauda) aproximado de 106 cm. Apresenta-se com formas bem lançadas e equilibradas, de aspecto musculoso e não gordo, apenas com pequeno excesso de gordura na papada, dorso, barriga e perna. A sua carne apresenta-se firme, em vez de mole, e a largura do corpo mostra-se uniforme entre a parte anterior e posterior e entre as linhas superior e inferior. O rendimento, em lombos, presuntos e pás, é superior a 5% do peso da carcaça.

Obtêm-se porcos deste tipo graças principalmente a uma muito cuidada selecção de reprodutores, um conveniente arraçoamento e boas práticas de exploração.

Os reprodutores do sexo masculino «varrascos» devem possuir menor gordura dorsal do que a que se pretende nos descendentes. As porcas de criação devem ter, pelo

menos, doze fetos bem desenvolvidos. Estes animais terão, preferivelmente, o corpo comprido, fortemente musculado nos lombos e presuntos, com espáduas suaves e papada pouco desenvolvida.

As rações dos suínos deste tipo devem ter uma composição equilibrada em que entre o milho, o trigo, a cevada ou a aveia, reforçados com suplementos proteicos e minerais.

É boa prática de exploração destes porcos, o estabelecimento de épocas de partição, a conservação dos animais em bom estado sanitário e a limpeza e desinfecção das instalações. Não convém que as porcas engordem em demasia durante a época de criação. Estas devem ser medicadas, 2 a 3 semanas antes do parto, para desinfestação dos vermes, de forma a estarem limpas e não infectarem os leitões, logo à nascença, com os ovos que eliminariam nas fezes. É aconselhável que os bácoros destinados ao mercado sejam castrados antes da desmama, sendo a idade mais indicada para a vacinação contra a peste e restantes doenças rubras, as 6 a 8 semanas.

Com estas e outras normas de especialização, conseguem-se animais que, atingindo muito novos o peso desejado, consomem assim menores quantidades de alimentos que os porcos «tipo gordura».

Ao valor económico, representado pela redução dos alimentos consumidos, junta-se ainda o maior preço que os porcos «tipo carne» adquirem nos mercados especializados, o que, significando maiores lucros, justifica a tendência actual para a criação destes animais.

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Estrangeiro	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

Visado pela Censura

Adubos Insecticidas

Foi ainda há bem poucos anos que se começou a dar a devida importância aos prejuízos causados pelos insectos do solo, reconhecendo-se nessa altura, a necessidade de lhes mover uma luta intensa.

Os primeiros métodos ensaiados — injeções no terreno com sulfureto e tetracloreto de carbono — estão hoje totalmente postos de parte, por se ter verificado que tais tratamentos resultavam dispendiosos, pouco práticos e até perigosos, por serem facilmente inflamáveis e tóxicos, os produtos empregados.

Com o aparecimento dos modernos insecticidas de síntese, surgiu a ideia de ensaiar um novo processo de luta contra os insectos do solo, adicionando aqueles produtos aos adubos correntemente usados. Experimentaram-se sucessivamente os vários insecticidas de que se foi dispondo — D. D. T., B. H. C., lindane, clordane e toxafene. Nenhum destes produtos satisfiz inteiramente, aos requisitos dum perfeito insecticida do solo. Problemas, de estabilidade química, inocuidade suficiente, alteração dos caracteres organoléticos dos produtos cultivados, etc., impediram uma mais rápida expansão do método.

O aparecimento do aldrin — hoje em dia consagrado com o melhor insecticida do solo — veio solucionar o problema.

Da mistura perfeita e homogénea de aldrin com os vulgares fertilizantes químicos, feita com maquinaria apropriada, resultam os adubos aldrinizados, cuja expansão nos países de agricultura adiantada, tem sido muito rápida. Na Inglaterra, em 1954, a Fisons lançou os primeiros adubos aldrinizados, que hoje em dia são já produzidos por dezenas de fabricantes de adubos, do Reino Unido. Em França, grandes empresas produtoras de fertilizantes químicos, como a Saint Gobain, Kuhlman, La Bordelaise, etc., fabricam anualmente grandes quantidades de adubos mistos aldrinizados. Na Alemanha, Itália e Estados Unidos, produzem-se superfosfatos aldrinizados e mistos aldrinizados em grande escala.

Em Portugal, fizeram-se há dois anos, as primeiras experiências com Superfosfato 18% aldrinado, nas culturas de milho e batata e no ano seguinte, a SAPEC

Agenda do Lavrador

Nos campos

Preparar algumas terras para as sementeiras e plantações da época. Mondar e sarchar os trigos semeados em Março, bem como os batatais que apresentarem rebentos fora da terra. Pela derradeira vez, espalhar nitratos nos cereais de Inverno que precisem. Continuar e pôr fim à sementeira da batata e do milho, semeando este de preferência em linhas e associando-lhe feijão rasteiro para maior rendimento. Semear outros feijões, soja, luzerna, trevo, painço, alpista, linho e cânhamo. Tratar dos viveiros de arroz, das sementeiras directas, bem como das terras para a transplantação do mesmo.

Nos pomares

Cortar os ladrões que nascem sobre a madeira velha e os olhos que os produzem. Enxertar pessegueiros, damasqueiros, cerejeiras, ameixoeiras, amendoeirais, e no fim do mês pereiras e macieiras. Resguardar os enxertos que pegarem bem com coberturas de junco, barro, feno ou coisa semelhante. Fazer pulverizações insecticidas e fungicidas, e nos pessegueiros e pereiras aplicar calda bordalesa a 2%. Aplicá-la também às laranjeiras atacadas pela ferrugem. Nitratar as fruteiras após a limpeza das flores, para maior estímulo da frutificação.

Nas vinhas

Fazer as últimas cavas e enxertias. Começar o enxoframento para a destruição do oídeo; e caso a vegetação das videiras se mostre adiantada, iniciar os primeiros tratamentos cúpricos para evitar o míldio.

lançou o Superdrine no mercado, e agora adubos mistos aldrinizados: 2 Ternários (M. F. P. e Triplo Dez Aldrinizados) e um Binário (Dez Vinte Aldrinizado).

Nas hortas

Prosseguir os trabalhos do mês anterior; continuar na faina das sementeiras que não foi possível fazer em Março. Plantar os cereais semeados em viveiro no mês anterior. Semear ainda abóboras, acelgas, agriões, aipos, alcachofras, alfaces, alho francês, azedas, beldroegas, beterrabas, bróculos, cabaças, cebolinho, cenouras, chicórias, coentros, cominho, todas as couves, erva-cidreira, espargos, espinafres, (menos o de Inverno), feijões, funcho, malaguetas, melancias, melões, morangos, mostarda, nabos serôdios, pepinos, pimentos, rabanetes temporãos, repolhos, ruibarbo, salsa, tomates, tomilho.

Nos Jardins

Renovar as sementeiras de cravos e flores anuais. Dum modo geral, podem-se neste mês fazer sementeiras de todas as flores indicadas em Março. Sarchar e regar as plantas já dispostas. Cuidar das roseiras precoces, matando-lhes o pulgão com fumigações de tabaco. Resguardar as tulipas do sol e da chuva; e os jacintos expô-los ao sol e resguardá-los do vento.

Nas adegas

É necessário todo o cuidado com as vasilhas onde se mete o vinho, a fim de que não tenham acidez, bafio ou qualquer outro cheiro estranho, devendo lavar muito bem as que se despejam, só as fechando quando estiverem bem enxutas.

Na capoeira

Ainda neste mês se pode fazer incubação natural ou artificial. Aos pintainhos, durante as primeiras 24 horas, não se lhes dá de comer. A água dos bebedeiros deve ser limpa e renovada diariamente. As galinhas para venda deve dar-se-lhes toda a liberdade enclausurando-as dez dias antes da venda e ministrando-lhes então milho em abundância.

Posto Clínico de Santa Marta de Bouro

Administração pela Confraria de Nossa S. da Abadia

Horário dos Serviços Médicos

Dr. José Fernandes — 2.^{as} e 6.^{as} feiras às 14 horas
Dr. Avelino Silva — 2.^{as} e 6.^{as} feiras às 16 horas
Dr. Baptista Fernandes — 4.^{as} feiras às 13 horas

O Administrador do Posto António José Antunes Almeida

TRIBUNA do CONCELHO

Reunião Camarária

Deliberações da Câmara Municipal

Ofícios

Do Presidente da Junta de Freguesia de Carracedo, pedindo um subsídio de 3.500\$00 para reparação do caminho do lugar de Além daquela freguesia.

Do Chefe da Secção de Finanças de Amares, pedindo a colocação de duas portas num armário do seu arquivo.

Da Firma Bruno Janz (Herdeiros) Lisboa, informando que os preços dos seus contadores de água sofreram uma alteração pela impossibilidade absoluta de poder manter os antigos preços.

Da Direcção Geral do Ensino Primário, Lisboa, em referência ao ofício desta Câmara n.º 186, dirigido ao Senhor Governador Civil de Braga, no qual informava que este Município não pode fazer face aos encargos com a construção do edifício escolar do núcleo de Souto, freguesia de Besteiros, deste concelho, informa o seguinte: a) que por despacho ministerial de 12 de Fevereiro findo, foi autorizada a transferência das localidades de Bário e Vasconcelos, do núcleo do Eirado, desta Vila, para o núcleo de Feira Nova, freguesia de Ferreiros, e que pelo mesmo despacho foi transferida para o núcleo da Feira Nova uma sala de aula prevista para o Eirado no Novo Plano, e cuja construção foi incluída no programa de trabalhos do ano findo, devendo construir-se apenas duas salas: b) que foi determinado à Direcção Escolar do Distrito de Braga, para averiguar se esta Câmara concorda com a ampliação do edifício de Feira Nova de duas salas para 4 salas, ou a construção de um edifício de 3 salas, no corrente ano; c) que a alteração do edifício atrás mencionada implica a criação de mais um lugar masculino em Feira Nova, para o que não se dispõe de instalação visto a escola mista e posto escolar de Besteiros estarem a funcionar em Feira Nova.

Do Hospital de São Marcos, de Braga, remetendo a factura da importância de 504\$00.

Do Cantoneiro Municipal, Augusto Fernandes Soares, informando que para a reparação da estrada municipal que vai do Cemitério de Carracedo ao lugar do Pilar, da mesma freguesia, se torna necessário o seguinte: 3 m3 de brita; 1 jornalheiro durante uma semana, 1 carro de bois a trabalhar um dia.

Do Chefe da Repartição de Turismo do Secretariado Nacional da Informação Cultura Popular e Turismo, Lisboa, pedindo o seguinte: a) o envio de todos os projectos relativos a Parques de Campismo e de Turismo, já existentes ou cuja instalação esteja prevista ou tenha sido requerida, juntamente com a deliberação camarária relativa ao processo; b) que a documentação e desenhos sejam sempre enviados por intermédio desta Câmara, devendo os projectos ser apresentados em duplicado.

Do Director Escolar do Distrito de Braga, desejando saber se esta Câmara concorda com a ampliação do edifício de Feira Nova de 2 para 4 salas, se possível, ou a construção de 1 edifício de 3 salas, no ano corrente.

d) que se prevê para breve, o alargamento amplo do prazo de amortização dos encargos camarários com as construções.

Circulares

Do Governo Civil do Distrito de Braga, transcrevendo a circular n.º 3, do Instituto de Assistência aos Menores, a fim de organizar mapas estatísticos sobre as colónias de Férias subsidiadas por intermédio daquele Instituto.

Idem, idem, pedindo o melhor acolhimento ao pedido formulado pelo Director da Escola da Aldeia da Barragem do Alto de Limpopo, Moçambique, em que solicita vários elementos de turísticos deste concelho.

Requerimentos de Obras

Arminda da Conceição Pereira, de Portela, solicitando licença para construir uma casa, com rés do chão e 1.º andar no lugar de Cima de Vila da mesma freguesia.

João Ribeiro da Silva Vilaça, de Lago, requerendo licença para reconstruir as paredes do seu prédio sito no lugar de Santa Marta, da mesma freguesia.

Domingos Dellim de Sousa, de Besteiros, pedindo licença para levantamento de esteios e colocação de freixais em ferro na sua propriedade, sita no lugar de Souto da mesma freguesia.

(Continua no próximo número)

Por Ferreiros Vida Religiosa

Com preparação para a festa do Coração de Jesus e confissões da desobriga, realizaram-se nesta freguesia pregações durante a semana de 20 a 27 de Março.

Foi orador o Rev. do Dr. Álvaro Dias, ilustre Professor dos Seminários de Braga que desenvolveu com a reconhecida competência e clareza os assuntos que anotamos. Nas conferências para homens, às 8 horas da noite, depois de referir que a vida absorvente dos tempos que correm e a demasiada preocupação com o material, não deixa elevar os olhos para o céu, focou os temas a tratar:—Somos criaturas de Deus; somos resgatados de Deus; somos convidados de Deus. Posta a doutrina no aspecto teológico, deduziu as obrigações do cristão no campo da moral.

De manhã, na pregação para as senhoras, as conferências tiveram por objecto a confissão e seus benefícios.

Analizou com profundidade a parte referente à dor dos pecados, tendo a propósito desenvolvido conceitos de suma importância referente à orientação da vida sobrenatural para Deus.

As confissões muito concorridas, fizeram-se separadamente para assim proporcionar ambiente fácil e agradável a todos os fieis.

Anra-nos registar a valiosa colaboração de seis sacerdotes do arcepresbiterado de Vieira do Minho, a quem consignamos a nossa admiração e particular amizade.

Finalmente no domingo dia 27, a comunhão solene de 38 crianças, veio coroar esta festa de enternecido amor ao Divino Coração de Jesus.

É sempre sensacional e emotivo este acontecimento. A comoção foi geral, pois ninguém pode ficar inerte perante o significado da comunhão.

As lágrimas que então desluzavam pelas faces dos adultos, a cerimónia do perdão, os cânticos que dispensam qualquer comentário.

Só Deus que tudo prescreta sabe o que então se teria passado no íntimo de cada coração!... O Recordar faz bem e todos por certo, lembraram com infinda saudade o dia mais feliz da vida.

O sermão da tarde, subordinado ao tema «acreditamos no amor» foi o elogio do amor de Jesus presente na Eucaristia.

Para finalizar:—Parece que muitas almas começam a despertar dum sono letárgico e profundo a que se tinham entregado, aquecidas pelo fogo ardente do Coração de Jesus.

No dia 3 de Abril será a comunhão colectiva das meninas da Acção Católica, cuja preparação se faz intensamente.

CARTA DE LAGO

Meu caro amigo António

Baptizados

Em 27 de Março realizaram-se três baptizados na igreja paroquial de Lago. Foram eles: José Albano Machado Alves, filho de Carlos Ramoa Alves e de Maria da Conceição Pereira Machado. Padrinhos, foram D.

Albertina Guiomar Soares e o menino Luis Alcino Soares Ferraz da Mota, aluno do liceu de Braga. José Manuel Soares Gomes, filho de Miguel Lopes Gomes e de Isaura Alves Soares. Os padrinhos foram Maria da Glória Lopes Gomes e Manuel Alves Soares. E, finalmente, Teresa de Jesus Ribeiro Soares, filha de Tomaz Ribeiro Soares e de Francisca Leopoldina Borges Ribeiro.

Suponho que conheces os pais e quase todos os padrinhos. Até hoje, neste ano bissexto, apenas se administraram quatro baptizados em Lago. Achas poucos? Já ouvi pessoas mostrarem a sua admiração. Eu, porém, julgo, na minha simplicidade, que esta diminuição de nascimentos é ocasional e não se deve às teorias malthusianas. Contudo posso dizer-te que também existem propagandistas dessas ideias por cá. Mas, há cabeças para tudo, e certamente mais para o mal do que para o bem. Ora eu tenho má impressão acerca da conduta moral de tais propagandistas. Sim! Que são maus cristãos, não resta dúvida, porque fazem profissão e propagandeam doutrinas condenadas pela Igreja Católica, e até pelo bom senso. A experiência da vida, porém, tem-me ensinado que essas pessoas, homens ou mulheres, são geralmente infieis, ou pelo menos candidatos à infidelidade matrimonial. Ainda não reparaste nisso?

Uma onda terrível de comodismo e de materialismo, na vida do homem, invade

Continua na 4.ª página

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Amanhã—O snr. Octávio Pereira Machado.

Segunda-feira—A snra. Florinda Rosa Ferreira Ribeiro e o Snr. Candido Alberto Pinheiro.

Dia 6. a Snra. D. Maria da Conceição Gonçalves.

* * *

Passa no dia 4 o aniversário de casamento do Senhor Duarte Fernandes Maia e esposa Snra. Maria Celeste dos Santos.

A todos os nossos Parabéns.

Necrologia

No dia 29 de Março, faleceu na Freguesia de Caldelas, a snra. D. Adelina Soares, mãe dos Senhores: Alexandre Adelino Antunes, Professor, Manuel Antunes, José Antunes, Pedro Antunes e Belmiro Antunes.

O seu funeral com grande acompanhamento de pessoas de todas as camadas sociais, realizou-se no dia 30 para o cemitério local.

Os serviços fúnebres estiveram a cargo da casa funerária do snr. Manuel da Cunha, Coucieiro—Vila Verde.

A família enlutada as nossas sentidas condolências.

Novo assinante

Tivemos o prazer de inscrever como novo assinante do nosso semanário, o snr. Domingos Machado, ausente no Canadá.

Já fizemos a sua inscrição o que agradecemos.

SALVÉ 12-4-60

Passa no próximo dia 12, do corrente mês, o aniversário natalício, do nosso particular amigo, senhor Domingos da Costa Machado, filho desta terra e actualmente residente no Canadá. Seus amigos, desejam-lhe muitas felicidades, e fazem votos, que essa data se repita por longos anos de vida, na companhia de todos os seus.

HUMORISMO

Preocupado

Um avarento encontrava-se de cama, prestes a morrer. Um amigo foi visitá-lo.

—Que é isso, homem?

Tem coragem!

—Sabes lá!

—O quê?

—La o morrer, para mim, é o menos. O que me está a ralar é que não faço ideia de quanto me vão levar pelo enterro.

Triste notícia

Em casa de certa família, ia-se principiar a comer a sopa, quando chegou a notícia do falecimento dum parente. Então, um dos pequenos perguntou, gravemente, ao pai:

—Ó papá! A gente chora agora, ou depois da sobre-mesa?...

A Superstição do Diploma

(Continuação 1.ª da página)

ou anuncia-se, o seu nome precedido da partícula Dr. E não poucas vezes o caso foi razão de motejo para os observadores mais lúcidos do pitoresco português nesta matéria... E está ainda presente no espírito de todos o incidente ocorrido há pouco, quando da inauguração dum grande Hotel de luxo: um jornal publicou em título na primeira página o nome dum dos seus principais capitalistas, homem de negócios, temperamento de realizador e eminente financeiro, chamando-lhe «Dr». Pois ouve quem escrevesse uma carta apócrifa ao jornal por esse facto, de que o interessado não tivera qualquer culpa. Simplesmente, para o jornalista que fizera o título, pessoa tão ilustre era por força Dr. E doutorou o ali mesmo!

Há que reagir, pois, contra a superstição dupla do diploma: superstição por parte dos poderes públicos e dos dirigentes de Empresas que consideram as chamadas «habilitações» uma condição «sine-qua-non» de competência. E sabe-se que não é assim: superstição consequente, por parte do público, que aos poucos vai navegando nas mesmas águas e pensa que só os «habilitados» com um curso superior merecem consideração ou respeito. Daí, a onda pícaro de doutoramentos de rua a que assistimos e que o estrangeiro olha com surpresa. Em Espanha, o problema resolveu-se com o «Don» tradicional. Entre nós o «Senhor», pura e simplesmente anunciado, deveria ser tratamento corrente, como o «Monsieur» o é em França, ou a simples abreviatura «M.» na imprensa, ou o «Mr.» em Inglaterra. E para as pessoas legitimamente célebres, que passaram já a craveira do tratamento formal, elimine-se tranquilamente a designação a despropósito. E pense-se que nem Camilo Castelo Branco nem Oliveira Martins, nem Alexandre Herculano, nem Ramalho Ortigão, nem tantos outros precisaram de diplomas para serem grandes da História, da Literatura, da política, da vida portuguesa em geral. E que ninguém se lembra hoje de referir Eça de Queiroz chamando-lhe o «Dr. José Maria, etc.». Machado de Assis, como se sabe, também não tinha qualquer formação escolar. Dir-nos-ão que os tempos mudaram, que a nossa época é técnica por excelência, que a especialidade comanda o Mundo em que vivemos. Concordamos. Mas Lyautey ergueu um país apoiando-se naquilo a que chamava «os técnicos de ideias gerais» e estes são sempre os que mais importam ao somatório final

dum património. São eles que concebem, enquanto cabe aos especializados executar o que os outros conceberam. Os outros: os tais. Os que não precisam de qualquer preparação universitária para erguerem uma obra, embora, é claro, tanto melhor será se a tiverem. Os outros. Os que imaginam, visionam, sonham, criam — e transportam consigo, do berço ao túmulo, sem necessidade de diplomas nem de cursos, a condição milagrosa que os faz, afinal, sobreviver a tudo o mais.

Impõe-se uma campanha serena e desenfafiada contra a superstição do diploma. Quando outras razões não houvesse, esta onda de doutores a torto e a direito, faz-nos figura de provincialismo aos olhos do estrangeiro, ou, o que é pena, de novo-riquismo intelectual. E desvaloriza um título por todos os motivos respeitável que, na maior parte dos casos, levou muitos anos, dinheiro e tenacidade a conseguir. Mas isto não tem nada que ver com a sua vulgarização por essas ruas e por esses jornais fora. E menos ainda com a sua exigência como habilitação indiscutível. Sabemos todos que, por várias razões, está muito longe de sê-lo.

Afonso de Lima

Carta de Lago

(Continuação da 3.ª página)

todas as inteligências, na alta e baixa sociedade.

Tu, porém, conheces tudo isso melhor do que eu, não é verdade?

Preceito Pascal

A Páscoa está à vista. Já pensas-te em te confessares para fazeres, no tempo devido, a tua comunhão paschal? Escrevo-te isto, não porque esteja convencido que faltes a esse dever, certo como estou das tuas convicções religiosas. Os muitos afazeres, porém, trazem às vezes o esquecimento dos nossos deveres, mesmo involuntariamente.

Casamento

Há por cá alguns casamentos em projecto, ao menos por enquanto. Não ficará, porém, mal dizer-te que há homens bastante anormais neste ponto de vista, embora esta freguesia não seja das piores em tal aspecto. Refiro-me aos solteirões e viuviões. Não te rias porque o mal é grave de mais para ser objecto de risol!

Dentro de boa doutrina sabemos que é livre ao homem e à mulher, casar-se ou ficar solteiro. Isto, porém, supõe a guarda dos manda-

Desportos

CAMPEONATO REGIONAL DA II DIVISÃO

(Continuação da 6.ª página)

deixando, porém, os homens de Viana, por várias vezes, e com perigo, ter rondado a baliza de Tomé. Mercê de bom trabalho de António que desde início se mostrou menos agarrado à bola que habitualmente, e de Pinto, começaram os ataques a favor dos locais a surgir com mais frequência, tendo Chico e Ferreira por várias vezes obrigado o guarda redes adversário a boas intervenções. Apesar dos contínuos ataques ora de um lado ora de outro, o primeiro golo surgiu somente aos trinta e cinco minutos, a favor dos locais e por intermédio de Pinto. Os visitantes não acusaram o golo sofrido, e até ao final do primeiro tempo, embora com leve superioridade dos locais, continuou-se a assistir a uma partida bem disputada de ambas as partes. Antes do intervalo Jaime cedeu o lugar a Vitoriano. Na segunda metade do encontro, acentuou-se mais o domínio dos locais e logo de início, o guarda redes do Fluvial se viu obrigado a lançar aos pés de António que se isolara. Responderam ainda os visitantes, desta vez com rápido contra-ataque, que João neutralizou com dificuldade atrazando a bola para Tomé. Volvidos poucos minutos, foi de novo o guarda redes visitante quem se arrojou aos pés de Vitoriano.

Surgiu finalmente o segundo golo do encontro, aos trinta e nove minutos, depois de uma jogada bem delineada entre Ferreira e Chico, tendo este centrado, e António finalizado sem defesa para o guarda redes Vianense.

Embora os locais tivessem chegado ao final do encontro em vencedores, é no entanto de salientar a réplica dada pelo clube adversário, que nunca se deu por vencido, tendo lutado do mesmo modo, desde o primeiro ao último minuto da partida.

No onze de Amares, salientaram-se: além de toda a defesa, Chico e Pinto, Vitoriano, embora com algumas falhas, cumpriu.

Arbitragem razoável.

J.M.F.B.

mentos. Se estes forem desprezados então é melhor casar: Assim o diz S. Paulo quando afirma que é melhor casar-se do que queimar-se, isto é: arder no fogo da impureza.

Não escrevo mais hoje por falta de tempo e de disposição.

Dispõe do sempre teu J. Moreira.
Lago, 30 de Março de 1960

Como em Portugal se observa o fenómeno

(Continuação da 1.ª página)

dos portugueses para com os novos nacionalismos, para com as novas nações da África ou da Ásia, quando se trata, de facto, de verdadeiros nacionalismos, de autênticas nações, como é por exemplo, o caso de Marrocos. Em contra-partida, não podem os portugueses considerar válidos certos pretensos nacionalismos, pré-fabricados e vazios de sentido real, como é ainda, por exemplo, o chamado nacionalismo africano, que se apregoa em certos arcópagos internacionais ou internacionalistas, onde só a mais propiciada ignorância pode atribuir um sentimento nacional a um continente caracterizado por divisões e oposições irreconciliáveis. Não há, nem parece que venha a haver, um sentimento nacional europeu. Não há sequer um sentimento nacional americano. Como poderia tal sentimento nascer num continente onde coabitam com iguais direitos gentes das mais variadas raças, de variadas pigmentações e numa gama cultural e social tão vasta que vai de zero ao infinito?

O nacionalismo africano é um muito absurdo, curioso e perigoso ao mesmo tempo;

O Capitão Euclides de Barros

(Continuação da 1.ª página)

tusiasmo toda a imprensa diária.

Comandante-geral da P.S.P. em «Ordem de Serviço», louvo o sr. capitão Euclides de Barros, nos seguintes termos:

«Louvo o sr. capitão Euclides Ribeiro Gomes de Barros, pela lealdade, apuro moral e integridade de carácter incessantemente revelados e pelas qualidades de trabalho persistente e equilibrado de que deu provas durante os longos 20 anos que comandou as Polícias de Viseu e de Braga, que agora abandona por Imperativo da lei e às quais prestou os mais assinalados serviços.

Quer no campo profissional — e tantas foram as circunstâncias em que foi necessário pôr à prova a sua abnegação e espírito de sacrifício — quer no campo da assistência, quer ainda na sua vida particular e no desempenho de outros cargos onde foi chamado a colaborar, venceu de forma bem afitada a sua forte personalidade de homem justo e bondoso, o seu nacionalismo firme e activo e as mais belas qualidades de inteligência e ponderação, que lhe grangearam, além de uma sã estima, a admiração do Comandante Geral, dos seus camaradas e subordinados e o justo reconhecimento público».

perigoso — como se tem visto — pelas especulações que permite e pelas consequências tantas vezes sangrentas, a que conduz; curioso, pela soma de fenómenos que reúne, pelo campo riquíssimo que oferece à investigação histórica, política e social.

Ainda bem recentemente essa riqueza de materiais de estudo foi evidenciada na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra pelo Prof. Doutor Adriano Moreira, poucos dias depois do antigo e prestigioso director do ISEU haver sido nomeado Subsecretário de Estado da Administração Ultramarina.

O Prof. Adriano Moreira ver-ou o tema «A unidade política e o estatuto das populações; como principal finalidade da sua lição — finalidade, aliás, plenamente atingida — situava-se a prova de que só estatutos diferenciados permitem assegurar o respeito pelas formas culturais da vida privada de cada um dos grupos que se uniram para formar o povo português.

Tema, como se vê, colocado no âmbito nacional, ele deu, contudo, margem a informações de viva actualidade e de ordem geral, tanto no que se refere ao expansionismo soviético em África como no relativo à preocupação que domina os condutores de algumas independências, afanosamente entregues à busca das antigas tradições tribais, que são, como não podia deixar de ser, tradições de violência e de puro imperialismo. O Estado de Ghana — para citar apenas um caso — foi buscar o nome a uma tribo que dominou há nove séculos o Sudão Ocidental; e não é fácil imaginar-se o que seria, há nove séculos, o Sudão Ocidental...

Notável a todos os títulos a conferência do Prof. Adriano Moreira, promovida pela Associação Académica de Coimbra. Quem a ler e a meditar — e bom seria que a lessem e meditassem quantos vão acalentando ilusões acerca de supostos nacionalismos — ficará a saber como em Portugal se observa o fenómeno: — com calma, com serenidade e espírito de justiça, com o inalterável sentido da solidariedade humana que sempre nos norteou, mas também com atenção vigilante e com o perfeito conhecimento das causas e dos efeitos.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos, desde os mais simples aos mais luxuosos.

Visado pela Censura

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 64

(CONTINUAÇÃO)

cada um deles munido do competente estaleiro, fora o que se montou ainda à boca de saída. Para estabelecer a comunicação entre eles, foi expressamente construída uma estrada, que desta margem direita do Cávado se viu rasgar do longo da encosta fronteira.

Entre as obras acessórias há que salientar as exigidas pelo restabelecimento das comunicações afectadas pelas águas da albufeira e das povoações inundadas — a construção das duas grandes pontes, com mais de 200 metros de comprimento e 60 de altura máxima; a transferência da matriz de Vilar da Veiga para a sua nova posição.

Em resumo, um só destes colossais empreendimentos, realizados em nosso tempo, deixa a perder de vista o de Mafra ou Águas Livres, como tantos outros que só por si marcaram uma época e resurgimento.

* * *

Os nomes de alguns lugares e freguesias distanciaram-se e diferem tanto do seu étimo que a sua mais recente forma ortográfica presta-se facilmente a sugestões e fantasias menos concordes com as verdadeiras normas por que se deduzem esses termos. É o caso de *Vale-do-Zende*, em que este último elemento seria o antigo nome do Cávado e se lhe criava um paralelo em *Espo-Zende* ou *foz do Zende*.

De *Sancta Marina de Baldosendi* (Inquirições) o genitivo antroponímico está, na maioria dos casos, a indicar o nome do senhorio da primitiva *villa romana—Villa Baldusindi* como *Villar Amundi* e não *Vilar a Monte*.

Como as demais freguesias da montanha, que foram notáveis posições da cavalaria medieval pelas razões já explicitadas, também aqui há sinais de permanência daquela nobreza que viveu as horas da expectativa da fundação e consolidação do Reino, lutando por essa Causa e recebendo os adequados benefícios, como se deduz dos textos das Inquirições: *in este termo de Baldosendi lavram omees que se chamam por de Couto de Paradelá et de Vilar, erdades unde aviam de fazer foro al Rey et non fazem. . . . avia el Rey III casas et deu os el Rey don Sancio 1.º a Fernando Johannis seu escudeiro*. Guardavam a Portela de Homem e iam à entrovicada.

Tem defronte S. Julião de Parada de Bouro, situada no sopé dos montes que se elevam às alturas do vistoso pico de S. Mamede. Assim chamada para não se confundir com muitas outras *Paradas* e por ter sido tributária do mosteiro, de que a *Ribeirinha* foi padroeira, deixou-lha o mesmo rei D. Sancho em testamento com outras boas terras que legou aos filhos que dela teve.

Muito antes, aí por 1059, tanto de uma como da outra parte do Cávado, tinham estas terras pertencido ao mosteiro de Mumadona de Guimarães, conforme consta do respectivo inventário então mandado fazer: *Et in ripa catavo de hac parte ad radice pena fidel villa parata et ecclesia ibi vocabulo saneti juliani ipsa villa cum suas adiuntiones sive de hac parte catavo quomodo et ex alia parte per suos terminos autenticos et cum suas piscarias et cunctis prestationibus suis sicut in scripturas resonat, medietate integra*

As duas margens comunicam-se desde remota antiguidade e aqui existiu uma ponte romana, de três arcos, a qual por Bouro, estabelecia ligação entre a Geira e a via romana de leste, de Braga por Chaves. Sucedeu-lhe uma ponte moderna, de cimento armado, aonde desce um ramal da estrada do Gerês.

Foi do extinto concelho de Santa Marta e da apresentação do dom abade de Bouro; depois passou a abadia da mitra. *Santa Marinha* é a padroeira.

Os lugares são: *Paradela, Vilar Amonde, Valarinho, Naval Velho, e Perdizes*. Em 1706 tinha 100 fogos; em 1875 subira a 116 com 553 almas; de momento deve andar pelos 200 e perto de 1.000 habitantes.

A matriz é espaçosa e bem adornada de altares e imagens. Tem anexo um campanário vulgar e outro levantado a um canto do adro, de extraordinária elegância.

E segue outra freguesia, mantendo-se a alternativa na sua teimosia de ter que se desafiar o alto destes montes, agora desertos, todas as vezes que se busca uma destas aldeias.

(Continua no próximo número)

Visado pela C. de Censura

Celebrações Henriquinas

(Continuação da 1.ª página)

certo é que aqui esbarraram quantos povos vieram a comprimir-se nas Espanhas, sem desafogo para as suas constantes tropelias guerreiras.

Associados entre as hordas de Tarik, quantos netos dos Vandalos não teriam voltado de novo à Espanha, a vingar a afronta da escorraça?

Tudo vinha de longe a debater-se neste círculo estreito do Mar Interior, que tomara por eixo os Lugares-santos de Jerusalém e a terra-santa da Espanha, onde se travaram numa luta de morte duas forças e dois ideais irreconciliáveis.

Abençoada Obra do Infante que, vingando descongestionar este campo entrincheirado da terra peninsular, acabou com o turbelinho insano em que boa parte do género humano inglôriamente se consumia. Sem desembainhar a espada, apontou e fez percorrer, pelos cavaleiros da sua Ordem, os caminhos de mui largas terras aonde pouco a pouco foram aportando sob o signo da Cruz de Cristo, impressa, nos panos das caravelas!

Vieira do Minho não melhorará desta vez

(Continuação da 6.ª página)

matadouro. O abate dos animais faz-se em locais impróprios e anti-higiênicos; que a iluminação é uma vergonha.

Há mais necessidades toda a gente o sabe, mas também todos sabem que a Câmara tem poucos recursos e milagres não se podem fazer.

Temos fé, Senhor Presidente, de que, desta vez, fará desaparecer muita coisa do que há mau em Vieira.

Carta de Ruivães

Continuação da 6.ª página

Este é que devia constituir o alicerce do edifício da paz.

A Rússia bem o compreende, mas o que ela pretende é confundir, explorar e ganhar terreno.

Se a Rússia não deseja a guerra, terá que descer a um plano de transigência e aceitar o que fôr considerado humano e justo.

As suas arrogâncias e a sua intransigência tem-lhe dado ares de vitória, é certo; mas também Hitler foi desabrido, conseguiu triunfos momentâneos e, julgando-se invencível, desencadeou a última guerra, que, pela tática dos seus exércitos, parecia inclinar-se para uma vitória das suas hostes aguerridas.

Contudo, sucedeu-lhe o que sempre sucedeu a todos os desvairados: quando o mundo civilizado e cristão se apercebeu das intenções do

A Minha Terra

Por Abel Antunes

Quem não ama a sua terra? Julgo que não há nenhuma excepção em todos os povos e raças.

A minha terra—bloqueada pelo Homem e Cávado—é um torrão onde o próprio forasteiro se sente bem. São os seus campos verdejantes, as águas frescas e límpidas das fontes que ora no seu curso ora galgando os prados, o chilrear incomparável dos pássaros e o azul celeste, que dão a beleza natural á minha terra.

A vida aí, torna-se uma inesgotável fonte de alegria onde todas as classes sociais sabem acatar amarguras ou doçuras e que por vezes lhes aparecem com a convicção que melhores dias surgirão e que na sua bela linguagem «é a vontade do Senhor». Não obstante, parece que a tristeza não tem lugar, especialmente na maioria da população—gente do campo.

É admirável o estoicismo com que mourejam na sua vida quotidiana estes alegres camponeses, que adquirem a satisfação dos campos e aos mesmos é transmitida pela sua exteriorização de satisfação que é um caso invulgar.

No decorrer da sua vida surgem características que muito nos apraz enaltecer. Chega a noite—recolhem o gado, os utensílios de lavoura e tapam a poça ao pôr do sol se por acaso a água lhes pertence na madrugada seguinte.

Vem a hora da ceia e um caldo bem fumegante com o inseparável «naco de broa» torna-se o suficiente para sustentar aqueles franzinos mas saudáveis trabalhadores.

Durante a ceia fala-se dos sucessos do trabalho e dos projectos para o dia seguinte e no fim rezam o terço em côro, o que felizmente ainda há e que em certos lados tende a cair em desuso o que é de veras lamentável.

No domingo vestem os seus fatos novos e depois da missa,

sanguinário ditador, o instinto de defesa fez acordar os que dormiam o sono de comodismo, e a reacção estabeleceu-se e triunfou.

O mesmo há-de acontecer á Rússia.

O seu esfacelamento será inevitável, se enveredar pelo caminho de guerra.

Oxalá o senhor K. medite serenamente no perigo em que está a meter o mundo.

Os impossíveis há muito tempo se pulverizaram.

Á Rússia terá que suceder o que se deu com a Laika que eles meteram no foguetão, se o conflito mundial se repetir.

Deus nos traga a paz, aquela paz em que tanto se fala, mas que, infelizmente, ainda não pudemos gozar, desde 1939 a esta parte.

Amadeu César

ei-los agrupados falando de alguma novidade que tenha havido na aldeia.

Isto na gente do campo que é a mais admirável. Mas, na minha terra outros caminhos bem diferentes tomam as suas actividades, mercê do dinamismo de alguns verdadeiros bairristas, ela tornou-se um centro de forte admiração tanto pelo seu aspecto progressivo com o de embelezamento. Já não é aquela Feira-Nova de há anos que se podia traduzir por nula no ponto de vista de engrandecimento. Ainda é pouco industrializado este centro mas desde longa data que se colocou á frente no sector comercial concelhio.

A dedicação ao Largo, abertura de novas artérias, construções de bairros e instalações de inteira necessidade em recintos de feira como o nosso, tudo se concluiu com o esforço e dispêndio dos poucos que em prol da terra se tem sacrificado.

Resultante da desistência dos componentes dum grupo excursionista ao Alto-Minho, os seus organizadores resolveram com o dinheiro angariado, fazer uma festinha que por acaso coincidiu com a ocasião.

Assim nasceram as festas que hoje se chamam os grandes festejos a Santo António de Amares. Constitui um verdadeiro caso a projecção que tomaram. Desnecessário será expôr toda a sua opulência e grandiosidade, pois, só o nome chega para constituir cartaz.

Finalmente passemos a analisar o desporto.

O Futebol com tão bons pergaminhos nas provas, vê-se em sérios embaraços para arranjar quem lhe dirija os destinos. Uns passaram por lá deixando obras de verdadeiro vulto, e, os presentes com toda a sua boa vontade e o desejo de ver singrar a colectividade têm dado provas de um carinho especial e que são dignos do mais puro louvor.

A nossa terra, onde a sua doçura e hospitalidade são já famosas, consegue cativar todas as simpatias de quem aí se fixa e não exita em trabalhar, sentindo o mais alto pejo pelo progresso local.

É com orgulho, amor e saudade que exponho quase todos os dotes da minha terra, da minha querida terra, que o destino me separou dela no momento que mais adorava em estar lá.

Quero bem á minha terra, aquele torrão que me viu nascer e que me acompanhou desde os primeiros passos até ao findar da saudosa juventude.

Tenho-a no meu coração, como se fosse o mais fino adorno íntimo e que guardo com carinho.

Quem não terá amor á sua terra?

Tribuna Desportiva

Campeonato Regional da II Divisão

Depois de efectuado no passado Domingo o jogo em atrazo, entre o F. Clube de Amares e o Clube Fluvial de Viana do Castelo, que terminou com a vitória dos vizitados por duas bolas a zero, a classificação ao fim da primeira volta ficou assim ordenada:

Classificação		Jogos	Pontos
Vizela	6	8	
Fluvial de V.	6	8	
Fão	6	7	
F. C. de Amares	6	6	
G. D. de Prado	6	5	
Vila Verde	6	4	
Campelos	6	4	

A segunda volta que principia Amanhã dia 3 de Abril, é constituída pelos seguintes encontros:

Campelos — Prado
Vilaverdense — Vizela
Fluvial — F. C. de Amares

Não só pela oportunidade de se poderem rectificar agora resultados feitos na primeira volta, como também pela escassa vantagem de pontos existentes entre os clubes concorrentes, tudo leva a crer que esta segunda volta, será rodeada do maior interesse.

O grupo desta Vila, deslocou-se Amanhã à bela cidade de Viana do Castelo, a fim de aí defrontar o Fluvial. Para esse efeito e para que não falte ao clube aquele apoio que se torna indispensável, resolveu a sua Direcção organizar uma excursão

que sairá da Feira Nova da parte de manhã, com regresso momentos depois do final do jogo. Quem desejar tomar parte nessa excursão, ou saber promenores, deverá dirigir-se ao senhor Armando Joaquim Dias, na Farmácia Marques Rêgo.

F. C. de Amares 2

G. F. Vianense 0

No Campo de Jogos Luiz Calheiros de Abreu, desta Vila de Amares, a contar para o Regional da II Divisão, disputou-se no domingo passado o jogo não realizado na 1.ª jornada, entre o Futebol Clube de Amares e o Fluvial de Viana do Castelo.

Embora o jogo tivesse sido realizado da parte de manhã, despertou mesmo assim bastante interesse.

O F. C. de Amares alinhou:

Tomé, Barbosa e Almeida, Rocha, João e Russo; Jaime, António, Chico, Pinto e Ferreira.

Com sucessivos ataques quer de uma parte quer de outra, a partida começou desde início a ser bem disputada.

A facilidade com que os visitantes trocavam a bola entre si, principalmente na linha dianteira, surpreendeu de início a defesa local, que acabou por recompôr-se. Embora com pouca frequência, começaram no entanto os locais, a levar vantagem com a velocidade que imprimiam nas suas jogadas, não

Continua na 4.ª página

TRIBUNA DE VIEIRA

Carta de Ruivães

Nova tentativa, de desarmamento com o discutido extermínio da bomba atómica!

O Senhor Krustchev parece vir animado daqueles angélicos desejos de paz, mas isso é só para inglês ver, não tenham dúvida.

Terminada a sua conferência com De Gaulle e chegada ao término a decantada conferência sobre o desarmamento, vai, mais uma vez, atirar os pratos à cara dos ocidentais, alegando que a Rússia não pode aceitar as propostas destes, por atentórias das liberdades dos camaradas da cortina de ferro.

E, assim, tudo ficará na mesma.

Parece que tudo devia começar pelo problema alemão. Este é que deveria ser a questão prévia posta pelos ocidentais e nenhum outro problema deveria ser discutido antes de se concordar na reunificação da Alemanha.

Não se admite que um povo de tradições tão nobres, embora no seu seio tenham surgido homens tão desviados como entre os camaradas russos, esteja submetido a uma humilhação tirânica, imprópria da civilização do século em curso.

É certo que a Rússia teme a nação germânica, tampão formidável em que esbarraria uma arremetida de conquista eslava, se aquela estiver coesa e armada.

Mas isso não constitui razão de aceitar, porque os povos têm o direito de se congregarem, de harmonia com a força de sangue, dos costumes e das afinidades.

Não há forças humanas capazes de submeter perpétua-

mente um povo que pretende viver dentro das normas da justiça que assiste aos outros povos.

Estrangular as liberdades colectivas desse povo, obrigando-o a viver em condições de inferioridade relativamente aos outros povos é estar a soprar permanentemente á brasa que está junto do paiol de pólvora que mais hoje mais amanhã há-de explodir.

Faça-se toda a pressão so-

bre a Rússia, no sentido de esta ser levada para um caminho de equidade e de justiça.

Ou esta quer a guerra, ou não a quer.

Se a quer, ostensivamente, não há maneira de a evitar e, nesse caso, haja firmeza, haja decisão da parte dos ocidentais, enfrentando a situação tal qual lhes fôr posta.

Para que se há-de atacar, de preferência, o problema atómico; sem estar solucionado o problema alemão?

Continua na 5.ª página

Vieira do Minho não melhorará desta vez?

por Inocêncio Virgílio

Encostada à serra da Cabreira de uma beleza exuberante, rodeada por três magníficas barragens e um parque florestal que orgulhosamente dizemos ser o segundo melhor do país, Vieira do Minho é, por assim dizer, uma atracção turística que nos envaidece. A atesta-lo estão os inumeráveis autocarros e automóveis que aos domingos, nos dias quentes de verão, ali se acumulam, apinhados de forasteiros, que vem extasiar-se no macisso de verdura e colorido das flores do nosso Parque. Indubitavelmente que contraímos assim uma dívida de gratidão para com o turista que nos dá a honra duma visita e, regra geral, se nos pedem uma informação damos-a com o maior prazer. Servimos-lhes até de cicerones e contamos-lhes maravilhas do nosso torrão natal. Uma vez coube-nos a nós essa honra e depois de termos visto tudo aquilo que é digno ver-se em Vieira, um visitante pergun-

tou-me de chofre: Onde são os mictórios? Claro, tive de lhe indicar um dos cafés onde já há muita porcária sem necessidade de que os clientes aumentem.

Ora a Câmara, agora na Presidência do Senhor Gaspar Sameiro, irá, por certo, alindar a nossa vila e dota-la de alguns melhoramentos de imensa necessidade.

Não será preciso lembrar que em frente à cadeia onde se pensava fazer um jardim, cresceu erva brava e em vez de flores há pedras; Que em dias de chuva a Praça Guilherme de Abreu torna-se um lago, dificultando o acesso aos Paços do Concelho; Que as galinhas e cães passeiam calma e imperturbavelmente nas ruas; Que na Avenida S. João de Deus há uma barreira que ameaça ruir, pondo em sério risco a nossa vida; Que ainda, ironia da sorte, não temos um

Continua na 5.ª página

Castro de Carrazedo

por Domingos M. da Silva

O quarto donatário, Francisco Machado, em 1582, havia-se mostrado sem erros, e que nem seus antepassados os tinham cometido, na administração do senhorio de Entre-Homem e Cávado.

Em 1626, a câmara fez diligência para deitar fora de «capitão das ordenanças» a Paulo de Araújo da Costa.

A mesma Correição de Viana passou, em 1639, certidão do seu termo, que os «ouvidores» do concelho não usassem de vara branca.

O 1.º marquês, Félix Machado requereu, em 1640, contra Plácido Antunes, por se meter na posse e serventia do ofício de «escrivão da câmara e almotaçaria» sem autoridade dele donatário.

Seu herdeiro, o 2.º marquês D. António Félix, mandou prender em 1675, a João Arantes, juiz eleito para servir, e lhe desobedeceu, do que agravando, não teve provimento. Na mesma data, o vereador mais velho da câmara, Pero Fernandes, levava vara do juiz, a fazer as terças de S. Alteza no couto de Rendufe.

—Na próxima vila de Prado, eram por esta altura seus senhores os marqueses das Minas e nela nomeavam todos os ofícios de justiça. O Conde Meirinho-mór era senhor do concelho e vila de Lanhoso e aí nomeava todos os ofícios de justiça e câmara.

O dito Conde Meirinho-mór do Reino e donatário da vila e castelo de Lanhoso era o conde de Sabugal.

Pelo foral de Entre-Homem e Cávado, os respectivos donatários eram senhores dos direitos reais ou reguengos.

O marquês Félix José Machado opôs-se a uma ordem do Conselho de Guerra que mandava ao corregedor da comarca de Viana viesse fazer a eleição do capitão-mór deste concelho e era contra a sua exclusiva jurisdição.

Por carta de D. Afonso 5.º na data de 1456, Pedro Machado teve ordem para dar de sesmaria as terras e herdades do conc. que não se pudessem aproveitar,

D. Manuel autorizou, em 1516, que o 2.º donatário Francisco Machado, filho do anterior, recebesse de cada um dos tabeliães do conc. 193 réis por ano, como direitos reais que pagavam à coroa.

No concelho e no couto de Rendufe as cisas pagavam-se à coroa. O couto de Rendufe era sufragâneo e sujeito ao conc. de Entre-Homem e Cávado (o que não acontecia em relação a Bouro). Os frades daquele tiveram graves demandas com os senhores de Castro para se soltarem da sua tutela. Esta sujeição explica-se pela vinda do solar de Penagate (que foi do fundador, D. Egas Pais) à posse de Castro e Vasconcelos pelo casamento de Rodrigo Anes com a filha de Rui Vicente de Penela, D. Mécia Rodrigues. Não se perdiam de repente estas influências de «padroado», antes perduravam por tradição e vínculos familiares.

O donatário Manuel de Araújo de Sousa, como marido de D. Margarida Machado, requereu a Filipe II para «fazer audiência» em sua casa, como ouvidor do seu concelho.

O anterior donatário, Francisco Machado, tinha pretendido criar no concelho um lugar de «juiz de fora»

Há provas de mau entendimento entre os donatários do conc. e a Correição de Viana. O 1.º marquês Félix Machado levou à consideração de poderes superiores alguns «artigos de suspeição contra o corregedor Sebastião de Carvalho, alegando que era seu capital inimigo.

Pelo mesmo tempo, «deram réplica» os Vereadores da câmara na causa em que lhe eram partes, como autores, os P.P. bentos do couto de Rendufe e na qual se articulava a posse e regalias da dita câmara sobre o couto.

* * *

Em 1452 houve inquirição de testemunhas a favor da coroa as quais D. Afonso V mandou tirar para conhecer das quintas e prazos que pagavam seus direitos reais no conc. e no couto.

(CONTINUA)